Síntese: Revista de Filosofia adere a uma Licença
Não comercial 4.0 Internacional - Creative Commons

DOI: 10.20911/21769389v49n154p387/2022

O PROBLEMA ONTOLÓGICO DO ESPAÇO NOS PARÁGRAFOS 22 A 24 DE *SER E TEMPO* *

The ontological problem of space in paragraphs 22 a 24 of Being and Time

Acylene Ferreira *

Resumo: **Porque o problema ontológico do espaço ainda está em aberto na filosofia heideggeriana, assumimos a questão do ser do espaço como nosso próprio problema. Para tratarmos dessa problemática, recorremos aos parágrafos 22 a 24 de *Ser e tempo*, onde Heidegger nos apresenta uma analítica do espaço. Partimos do pressuposto que a espacialidade é um *a priori*, que libera o espaço como um caráter de ser do *Dasein* e do ente intramundano. Nosso objetivo é investigar em que medida podemos considerar o espaço tanto como existencial constitutivo da existencialidade do *Dasein*, tanto como categoria que deixa e faz ver a mundanidade do mundo. O propósito dessa investigação é evidenciar que, enquanto um *a priori*, a espacialidade apresenta uma distinção ontológica referente ao caráter de ser espacial dos entes em vez de uma dubiedade conceitual ou uma *aporia*.**

Palavras-chave: **Espaço. Espacialidade. Existencial. Categoria. *A priori*.**

Abstract: **Because the ontological problem of space is still open in Heideggerian philosophy, we have assumed the question of space's being, in paragraphs 22 to 24 of *Being and Time*, as our own problem. We presuppose that spatiality is an *a priori* that constitutes space as a character of being of *Dasein* and of innerworldly things. Our aim is to investigate how we can also consider space as an existential of *Dasein*, as well as a category which allows the worldliness**

* Artigo recebido em 22/07/2021 e aprovado para publicação em 04/05/2022.
** Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – RJ (1997); professora titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

of the world to be seen. Our purpose is to make clear that when we consider spatiality as an *a priori*, we can say that spatiality acts like the concept of ontological difference, in this case as the ontological difference between the spatial character of being of *Dasein* and of the world. For us, it means that spatiality does not imply an *aporia*.

Keywords: **Space. Spatiality. Existential. Category. *A priori*.**

Introdução

Em uma primeira leitura da obra *Ser e tempo* (1927),[1] parece que o problema ontológico sobre a espaço é equacionado no § 70, quando Heidegger afirma que "a espacialidade só é existencialmente possível através da temporalidade."[2] Devido a essa afirmação, consensualmente, a espacialidade do *Dasein*[3] é vista como subordinada à temporalização ou ekstases do tempo. À medida que a espacialidade do ente intramundano é fundada pela espacialidade do *Dasein*, consequentemente, a espacialidade desse ente também está subjugada à temporalidade. De certa forma, podemos dizer que essa dependência da espacialidade em relação ao tempo deve-se ao fato que, nessa obra de 1927, o tempo é considerado como o horizonte de compreensibilidade do sentido de ser do *Dasein* e do ente simplesmente dado (*Vorhandenheit*). Ou seja, enquanto horizonte de desencobrimento e manifestação do ser, o tempo é a abertura na qual ser é apropriado e interpretado como sentido. Nesta perspectiva, tanto a espacialidade do *Dasein* quanto a do ente intramundano são determinações originárias do nexo ontológico entre ser e tempo. Isso significa que, nesse arcabouço teórico, o espaço é concebido como uma determinação ontológica e não geométrica; visto que, primariamente na filosofia heideggeriana, o espaço é determinado pela estrutura de ser da espacialidade e não pelas dimensões de altura, largura, comprimento e profundidade.

Contudo, a concepção de espaço que encontramos delineada na analítica do *Dasein*, nos coloca frente a uma dificuldade, pois, ao considerarmos o espaço como uma determinação ontológica derivada da temporalização do tempo, deixamos de tratar do espaço enquanto espaço. Dessa maneira, consequentemente, obnubilamos o problema ontológico do espaço. Por isso, oportunamente, recolocaremos aqui a questão que, segundo Jean-Luc

[1] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer, 1986. ___. *Ser e tempo*. Tradução de Marcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006. De agora em diante usaremos, respectivamente, as abreviaturas SZ e ST para nos referirmos a estas obras.
[2] HEIDEGGER, SZ, p. 367; ST, p. 457.
[3] A palavra "*Dasein*" é traduzida para o português como presença (sentido semântico), aí-estar, ser-aí, estar-aí, aí-ser (sentido literal). Optamos por utilizar o termo em alemão "*Dasein*."

Chrétien, não foi respondida com clareza em *Ser e tempo* nem em textos posteriores,[4] a saber: qual é o ser do espaço? Para Chrétien, a descoberta da espacialidade do *Dasein*, em *Ser e tempo*, é essencial para pensarmos a constituição de ser do espaço. Mas apesar disso, ele defende que, infelizmente, Heidegger caiu em aporias. Por exemplo: "a aporia de uma espacialidade primeira e de uma espacialidade segunda ou a aporia da recondução da espacialidade do si-mesmo, cuja especificidade marca a dispersão na qual o *Dasein* não é ele mesmo."[5]

Investigaremos o problema ontológico do espaço nos §§ 22 a 24 de *Ser e tempo*, porque neles encontramos uma analítica do espaço. Estes parágrafos fazem parte da terceira etapa denominada *O circundante do mundo circundante e a espacialidade do Dasein*, que está inserida no terceiro capítulo intitulado *A mundanidade do mundo*, que compõe a primeira seção de *Ser e tempo;* onde o autor apresenta uma *Análise preparatória dos fundamentos do Dasein*, e onde também ele esclarece que a sua análise da mundanidade e da espacialidade é distinta da concepção ontológica cartesiana e kantiana do espaço. Segundo Heidegger, o objetivo dos §§ 22 a 24 é "determinar em que sentido o espaço é constitutivo do mundo que, por sua vez, foi caracterizado [no § 12] como um momento estrutural do ser-no-mundo."[6] Ao assumirmos a questão do ser do espaço como nosso próprio problema, temos por objetivo investigar se podemos considerar o espaço tanto como um existencial (*Existenziale*) constitutivo da existencialidade (*Existentialität*) do *Dasein*, tanto como uma categoria que deixa e faz ver a mundanidade do ente simplesmente dado. Partimos da hipótese que a espacialidade é um *a priori*, que libera o espaço como um caráter de ser do *Dasein* e do ente simplesmente dado. O propósito dessa investigação é evidenciar que, enquanto um *a priori*, a espacialidade denota uma distinção ontológica referente ao caráter de ser dos entes em vez de uma dubiedade conceitual ou uma aporia. Levando-se em conta que a espacialidade do *Dasein* funda a espacialidade do ente intramundano, analisaremos o problema ontológico do espaço a partir da existencialidade do *Dasein*. Por esse motivo, propositalmente, não recorreremos ao § 70, já que a temporalidade é uma modalidade do tempo e não do ser.

Antes de adentrarmos em nossa problemática, é importante salientarmos que a correlação entre espaço e ser também transcorre no pensamento de Heidegger após *Ser e tempo*.

> Nas preleções de 1935–36, que são a base para *A origem da obra de arte*, ser e espacialidade estão inseparavelmente interligados, em *Contribuições à filosofia* (1938), Heidegger discute a temporalidade originária (*ursprüngliche*

[4] Cf. CHRÉTIEN, Jean-Luc. De l'espace au lieu dans la pensée de Heidegger. In: CARON, Maxence. *Heidegger*. Paris: Cerf, 2006, p. 497.
[5] Cf. *Ibidem*; p. 514.
[6] HEIDEGGER, SZ, p. 101; ST, p. 154.

> *Zeit*) em termos de 'tempo-espaço' (*Zeit-Raum*) da verdade do ser, onde a espacialidade assume uma relevância equiprimordial com a temporalidade no desencobrimento do ser. Finalmente, na década de 1950 e em *Arte e espaço* (1969) Heidegger discute o desencobrimento do ser em termos de 'lugar' (*Ort*)."[7]

Vale acrescentarmos que, nos anos de 1950, a questão do espaço se transfigura na questão do lugar e da região. Podemos atestar esta transfiguração também nos textos *A coisa* (1950) e *Construir, habitar, pensar* (1951), nos quais o filósofo discute a mundanidade do mundo em termos da quadratura como local e do quarteto, o entrelaçamento entre terra, céu, divinos e mortais, como lugar. Nessa linha conceitual o local é o meio no qual o lugar dá sentido de ser ao espaço. Isso implica que o espaço recebe seu ser do quarteto, onde as coisas do mundo se mostram como elas são. Desta feita, o pensamento heideggeriano torna-se uma reflexão sobre a localidade do lugar e não mais sobre a espacialidade do espaço como em *Ser e tempo*. Donde podemos inferir que o nexo entre a questões do ser, espaço, lugar, região e sua subordinação à temporalidade desaparece da filosofia heideggeriana após a década de 1930. Com a liberação "da estreiteza de seus próprios conceitos de tempo e de temporalidade, que obstruíram sua visão de uma rota alternativa para o ser, [abriu-se uma nova via, a saber] — a via do lugar. [...] O mais notável é que Heidegger realizou isso apesar de raramente dirigir-se ao lugar como tópico temático".[8]

Dividiremos nossa reflexão em quatro partes. Na primeira, discutiremos sobre a relação entre espacialidade e existencialidade. Através do esclarecimento do conceito de existencial pretendemos sedimentar as bases sobre as quais fundamentaremos a questão do ser do espaço e da constituição ontológica da espacialidade. Na segunda, mostraremos como o ser do espaço do mundo circundante emerge do nexo entre as determinações ontológicas de referencialidade, região e lugar. Nossa intenção é evidenciar como o caráter de proximidade já expõe a espacialidade do ente intramundano e como a orientação regional de lugares desvela o ser do espaço. Na terceira, trataremos da relação entre as espacialidades do ente intramundano e do *Dasein*. Por um lado, pretendemos indicar como os caracteres de proximidade, distância e direção constituem a espacialidade do ente intramundano; e, por outro, apontar como os existenciais de distanciamento e arrumar são constitutivos da espacialidade do *Dasein.* Nossa finalidade é mostrar a constituição de ser espacial do *Dasein*. Na quarta parte, apresentaremos nossas conclusões baseadas na *aprioridade* da espacialidade e no caráter de ser do espaço. Utilizaremos o conceito de *a priori* como sentido mais

[7] VALLEGA, Alejandro A. *Heidegger and the Issue of Space*: Thinking on Exilic Grounds. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2003, p. 58.
[8] CASEY, Edward S. *The Fate of Place*: a Philosophical History. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1998, p. 284.

rigoroso de ser, para esclarecermos que há uma distinção ontológica em vez de uma aporia ou um dilema terminológico na concepção de espaço em *Ser e tempo*. Pois, entendemos que enquanto espacialidade é vista como um *a priori* constitutivo da existencialidade do *Dasein* e da mundanidade do mundo, o ser do espaço se mostra tanto como um caráter existencial quanto como um caráter categorial.

1. Espacialidade e existencialidade

Nos §§ 22 a 24, Heidegger deixa claro que ele não concebe o ser do espaço nem a partir do ponto de vista naturista ou substancialista, como em Descartes, nem do subjetivista ou idealista, como em Kant. Para ele, a espacialidade está fundamentada no primado ôntico-ontológico, que determina o modo de ser do *Dasein* e do ente simplesmente dado. Isso significa que o "ser no espaço" do *Dasein* e o "lugar no espaço" do ente intramundano "só é possível *com base e fundamento no ser-no-mundo em geral*."[9] No § 12 de *Ser e tempo*, ser-no-mundo é definido como um fenômeno *unitário* constituído por três momentos estruturais, quais sejam:

1 Mundo (§§ 14 a 18): composto pelos existenciais do ser-junto (ao mundo circundante), da mundanidade (entendida como uma significância relacional, referencial e conjuntural do mundo) e da ocupação (concebida como a modalidade genérica do *Dasein* de lidar com os instrumentos). Cabe pontuar que o tema da espacialidade e do espaço (§§ 22 a 24) integra o terceiro capítulo que trata da mundanidade do mundo, porque a espacialidade e o espaço somente podem ser descobertos a partir do mundo.

2 Quem (§§ 25 a 27): formado pelos conceitos ontológicos fundamentais do ser-com, ser-si mesmo e do existencial do impessoal.

3 Ser-em (§§ 28 a 38): instituído pelos existenciais da disposição, compreender, fala e pelos conceitos ontológicos fundamentais de decadência, estar-lançado, interpretar, enunciar.

Embora os momentos estruturais "mundo" e "quem" sejam constituídos por existenciais, eles mesmos não são determinados como um existencial. Já o "ser-em" é considerado tanto como um momento estrutural do ser-no-mundo quanto como um existencial que determina o modo de ser do *Dasein*.[10] Se, em *Ser e tempo*, a espacialidade e o espaço se fundamentam na mundanidade, que é um existencial constitutivo do momento estrutural mundo, nos perguntamos: podemos considerar a espacialidade como um existencial?

---

[9] HEIDEGGER, SZ, p. 156; ST, p. 102.
[10] HEIDEGGER, SZ, p. 54; ST, p. 100.

Diante dessa pergunta, alguém poderia nos acusar de levantarmos um pseudoproblema ou de colocarmos uma pergunta retórica já que, usualmente, a maioria dos estudiosos heideggerianos assumem que a espacialidade é um existencial que determina o ser no espaço do *Dasein*. Porém, ao fazermos uma leitura mais atenta dos §§ 22 a 24 e do § 70, notamos que o filósofo não nos esclarece como ele concebe a espacialidade enquanto uma estrutura de ser, que está inserida no "conjunto de articulação dos existenciais."[11] Ou seja, ele não explica como se dá a relação entre espacialidade e existencialidade. Dessa maneira, a questão do ser do espaço permanece obscurecida em *Ser e tempo*, visto que, nessa obra, a espacialidade é analisada sob o viés da temporalização do tempo e não pelo caráter do desencobrimento das estruturas de ser da existencialidade do *Dasein* enquanto ser-no-mundo. Por isso, entendemos que a nossa pergunta sobre a determinação ontológica da espacialidade e do espaço em *Ser e tempo*, é pertinente e não retórica.

Antes de prosseguirmos com nossa investigação sobre a problemática ôntico-ontológica do espaço e da espacialidade, precisamos indicar em que sentido o termo "existencial", que constitui a existencialidade do *Dasein*, é empregado nessa obra de 1927. Conforme Cristian Ciocan[12] esse termo é usado em dois sentidos:

1 Uso nominal: quando explicitamente Heidegger afirma que uma estrutura do *Dasein* é um existencial. Por exemplo: mundanidade, ser-junto e ser-em.

2 Uso adjetival: quando ele adjetiva um substantivo com a palavra "existencial." Por exemplo, nos §§ 12, 28 e 30, semelhantemente, encontramos afirmações tais como: "a espacialidade essencialmente existencial do ser-no-mundo."[13] Já no § 14 ele diz que ser-no-mundo é "uma determinação existencial do *Dasein*."[14]

O fato de Heidegger usar a palavra "existencial" para caracterizar a espacialidade, nos autoriza a considerá-la como um existencial? Será que podemos estender o uso adjetival e nomear como existenciais as estruturas que esse adjetivo caracteriza? Se for assim, de imediato, já podemos assumir que a espacialidade é um existencial. Mas, se considerarmos que apenas o uso nominal do termo determina isso que é um existencial, nesse caso nem a espacialidade nem o espaço poderão ser definidos como um existencial. O motivo pelo qual esse dilema terminológico nos instiga, sustenta-se, justamente, na prerrogativa que nem no § 4 de *Ser e tempo*, onde a existencialidade é definida "como a constituição de ser de um ente

[11] HEIDEGGER, SZ, p. 12; ST, p. 48.
[12] CIOCAN, Cristian. Qu'est-ce qu'un Existenzial? *Heidegger Studies*, *Heidegger Studien, Etudes Heideggerienes.* Berlin: Duncker & Humblot, vol. 25, p. 191-216, 2009.
[13] HEIDEGGER, SZ, p. 141; ST, p. 201.
[14] HEIDEGGER, SZ, p. 64; ST, p. 111.

que existe"[15], nem no restante dessa obra, nós encontramos nomeados ou elencados em uma lista a totalidade dos existenciais que estruturam a existencialidade do *Dasein*; nem muito menos encontramos listados os existenciários (*existentielle*) que derivam dos respectivos existenciais.

Ora, se nosso interesse é discutirmos sobre a questão do ser do espaço, então, nada mais prudente do que nos perguntarmos: O que é um existencial? Como caracterizá-lo? Quais são as definições de existencial concebidas por Heidegger?

Ainda seguindo as observações de Cristian Ciocan, os existenciais podem ser definidos como caráter de ser (*Seinscharakter*), o qual, por sua vez, é considerado como maneira de ser (*Weisen zu sein*) do *Dasein*.[16] Embora todos os existenciais sejam vistos como caráter de ser e maneira de ser do *Dasein*, nem todo caráter de ser (e.g., ser-lançado, facticidade) e maneira de ser (e.g., falação, curiosidade, ambiguidade, cotidianidade) são considerados como existenciais. Isso significa que os conceitos de caráter de ser e de maneira de ser são mais amplos do que o conceito de existencial. Outra definição que caracteriza os existenciais é o conceito de modo (*Modus*) de ser. O que esse conceito agrega à definição dos existenciais? Que "o modo de um existencial determina uma de suas possíveis concretizações ônticas e existenciárias [tais como, propriedade e impropriedade...]. Toda modalidade ou modalização é, pois, existenciária, ôntica."[17] Devido a essas conceituações os existenciais *determinam uma dimensão ou uma estrutura fundamental de ser do Dasein*. Nessa dimensão, os existenciais são definidos como co-originários, isto é, nenhum deles está subordinado ao outro, nem é hierarquicamente inferior ou superior ao outro.

Ao analisarmos os §§ 23 e 24, notamos que Heidegger emprega todas as definições citadas de existenciais para caracterizar a espacialidade e o espaço. Por exemplo, distanciamento e direcionamento são considerados como *caráter, modo* e *maneira de ser* espacial do *Dasein* enquanto ser-no-mundo. Porque o *Dasein* é espacial no sentido ontológico, isto é, no modo de dar-espaço de maneira antecipativa, o espaço é visto como uma estrutura *a priori*. Considerando-se, por um lado, que direcionamento, distanciamento e dar-espaço são constitutivos da espacialidade do *Dasein*, e por outro lado, que eles são determinados pelas expressões "caráter, modo, maneira de ser e *a priori*" que definem o termo "existencial," julgamos que seja possível concebermos a espacialidade como um existencial. Partindo do pressuposto que um adjetivo tem a função de atribuir uma característica a um substantivo, com a finalidade de modificar o substantivo, é possível ainda reivindicarmos que se a palavra "existencial" adjetiva o substanti-

[15] HEIDEGGER, SZ, p. 13; ST, p. 49.
[16] Cf. CIOCAN, Qu'est-ce qu'un Existenzial?, p. 204-208.
[17] CIOCAN, Qu'est-ce qu'un Existenzial?, p. 207-208.

vo espacialidade, ela acrescenta à espacialidade o caráter de existencial. Dessa maneira, poderíamos também ratificar que a espacialidade é um existencial. Porém, se fizermos uma comparação entre a constituição de ser do momento estrutural mundo e da constituição de ser da espacialidade, teremos dificuldades em declarar que a espacialidade é um existencial. Por que? Em *Ser e tempo* há um nexo ontológico entre mundo e espacialidade, posto que o espaço é constitutivo do mundo e a espacialidade é descoberta pelo mundo.[18] Enquanto um momento estrutural do ser-no-mundo, mundo é constituído pelos existenciais do ser-junto, mundanidade e ocupação. Já a espacialidade é constituída pelos existenciais de distanciamento e arrumar. Apesar de mundo e espacialidade serem constituídos por existenciais, Heidegger não nomeia nem o mundo nem a espacialidade como um existencial. Sendo assim, entendemos que estaríamos desautorizados a afirmar que a espacialidade é um existencial. Essa argumentação reforça a tese daquelas pessoas que defendem que somente podemos considerar um existencial, aquelas estruturas que são nomeadas como existencial. Diante dessas ponderações, com que propriedade poderemos defender se a espacialidade é ou não é um existencial?

Do nosso ponto de vista, se correlacionarmos as definições de existencial levantadas por Ciocan, quais sejam: caráter de ser, maneira de ser, modo de ser, aos conceitos de primado ôntico (sendo existência o *Dasein* compreende ser) e de primado ontológico (determinação de ser que constitui a existencialidade do *Dasein*), que regem a analítica do *Dasein*, podemos inferir que:

1 Do ponto de vista ôntico, assentimos que os existenciais são modos de ser, haja visto que as modalizações dos existenciais mostram as concretizações existenciárias do *Dasein*. Nesse caso, os existenciários são determinados pelos existenciais, ou seja, eles são modos derivados de ser dos existenciais.

2 Do ponto de vista ontológico, assumimos que os existenciais são um *a priori*, um caráter de ser e uma maneira de ser. Nesta concepção, podemos considera-los como estruturas co-originárias e fundamentais de ser do *Dasein*.

Tais inferências nos impelem a admitir que, por um lado, podemos entender o termo "existencial" como uma estrutura *a priori* e transcendental, posto que o existencial é uma estrutura fundamental, originária, um caráter e uma maneira de ser constitutiva do *Dasein*. Levando-se em conta essa concepção de existencial, será que poderemos conceber a espacialidade como um *a prio*ri que estrutura o ser do *Dasein*? Por outro lado, se encaramos o existencial como uma modalização existenciária, ou seja, como

[18] Cf. HEIDEGGER, SZ, p. 113; ST, p. 168.

possíveis concretizações modais do *Dasein*, será que poderíamos pensar que o espaço é uma modalização de ser da espacialidade do *Dasein* e da espacialidade do ente simplesmente dado? Temos à nossa frente uma dubiedade terminológica ou mesmo uma *aporia*? O conceito de existencial e o de espacialidade referem-se às estruturas transcendentais e *a priori* ou às modalizações concretas, existenciárias ou espaciais do *Dasein*? Estas indagações nos remetem para a seguinte problemática: se, para nós, é obscuro enumerar quais são as estruturas *a priori* e transcendentais que constituem a existencialidade do *Dasein*, como poderemos enfrentar o dilema terminológico acerca da determinação ôntico-ontológica da espacialidade e do espaço?

A nosso ver, somente poderemos analisar tal questão, se esclarecermos como Heidegger concebe a espacialidade do manual, do ser-no-mundo e do *Dasein* nos §§ 22 a 24. Por este motivo, deixaremos em aberto, por enquanto, a temática da relação entre espacialidade e existencialidade. Retornaremos a ela, posteriormente, quando tivermos mais elementos para pensarmos o ser do espaço, isto é, a espacialidade a partir da própria existencialidade do *Dasein*.

2. Mundo circundante e espaço

Porque a letra C. do terceiro capítulo de *Ser tempo*, intitulada "O circundante do mundo circundante e a espacialidade do *Dasein*", tem a função de introduzir o leitor à temática dos §§ 22 a 24, julgamos conveniente voltar à pergunta-guia ali apresentada: O que é o "circundante" do mundo circundante? Encontramos uma indicação no § 14.

> *O mundo mais próximo do Dasein é* o *mundo circundante*. [...] A expressão mundo circundante aponta no 'circundante' para uma espacialidade. [...] O 'circundar', constitutivo do mundo circundante, não possui, de maneira nenhuma, um sentido primordialmente 'espacial'. O caráter espacial que pertence indiscutivelmente ao mundo circundante há de ser esclarecido, ao contrário, a partir da estrutura da mundanidade.[19]

Explicitamente, essa citação aclara que a espacialidade do mundo circundante se fundamenta na estrutura da mundanidade, a saber: a conjuntura (*Bewandtnis*) entendida como significância do mundo. Na conjuntura "*algo se deixa e se faz junto a*... desvelando a referência ou a remissão de com-junto"[20] de um manual a outro manual. Desta feita, a conjuntura desvela o caráter de manualidade (*Zuhandenheit*), que concede a significância dos entes

[19] HEIDEGGER, SZ, p. 66; ST, p. 114.
[20] HEIDEGGER, SZ, p. 84; ST, p. 134.

intramundanos, que estão mais próximos do *Dasein*. Enquanto um caráter de ser da mundanidade, a manualidade é uma determinação ontológico-categorial que mostra a referencialidade conjuntural que constitui o ser dos entes intramundanos com os quais o *Dasein* lida em uma ocupação. Ao determinar a significância, na qual o manual intramundano se deixa e se faz ver naquilo que ele é em certa manualidade, a conjuntura desencobre a mundanidade do mundo. Visto que o caráter espacial do mundo circundante pertence à mundanidade, consequentemente, a espacialidade do mundo circundante também pertence a manualidade e a conjuntura, que desvelam a totalidade referencial e conjuntural dos entes intramundanos. Por que? Ao passo que a manualidade desencobre o ser dos entes intramundanos em uma conjuntura, concomitantemente, ela determina o lugar como espaço dos entes intramundanos em uma totalidade referencial e conjuntural. Isso implica que a estrutura da conjuntura, mediante a determinação ontológico-categorial da manualidade, concede tanto a mundanidade quanto a espacialidade do mundo circundante. Dentro desse viés teórico, nem a mundanidade nem a espacialidade do mundo circundante concernem ao fato que os entes intramundanos estão simplesmente dados no espaço, nem que eles são determinados pela extensão ou por propriedades espaciais e geométricas. Qual é o caráter que determina o ser do espaço no mundo circundante? Voltemos ao sentido de circundante.

Como vimos, no § 14, Heidegger assume que o termo "circundante indica [que] o caráter espacial do mundo" nos direciona para a análise do manual, enquanto o ente que primeiro vem ao encontro do *Dasein* na ocupação. No § 22 ele acrescenta que o caráter espacial do mundo circundante se refere ao "manual [que] no modo de lidar cotidiano tem o caráter de *proximidade*. [...] Essa *proximidade* regula-se a partir do uso e manuseio [que o *Dasein* faz do instrumento] na ocupação."[21] Ora, se no § 14 o termo "circundante" aponta para a espacialidade do mundo, e no § 22 esse mesmo termo expressa o caráter de proximidade do manual intramundano, então, podemos correlacionar o caráter de proximidade à espacialidade específica do manual intramundano. Nesta correlação, o caráter de proximidade, que se orienta pela lida do *Dasein* na ocupação, libera o ser do espaço como o lugar do manual intramundano no mundo circundante. Tais considerações nos permitem corroborar que a espacialidade e o espaço são constitutivos do mundo, enquanto este é um momento estrutural do ser-no-mundo. Por que o lugar determina o ser espacial dos entes intramundanos?

Heidegger define o lugar do manual como sendo "o 'aqui' e o 'lá' determinados, a que pertence um instrumento em um todo instrumental segundo uma conjuntura. [..., No entanto,] a condição de possibilidade [... dessa pertinência de lugares] reside na região."[22] Mas, o que é a região em *Ser*

[21] HEIDEGGER, SZ, p. 102; ST, p. 155.
[22] Cf. HEIDEGGER, SZ, p. 102-103; ST, p. 156.

e tempo? A região indica o *para onde*, ou seja, a direção da possível pertinência de lugares do manual numa totalidade referencial e conjuntural. À medida que a região libera o "*para onde*" que dá o lugar do manual numa ocupação, ela determina o espaço dos entes intramundanos referenciados em uma pertinência de lugares. Já a conjuntura libera o "*para onde*" que dá a referência e estrutura o ser do manual enquanto o ente que ele mesmo é, ou seja, como um ente que se encontra referido a um outro ente em uma remissão de com-junto. Enquanto a conjuntura libera o manual para uma totalidade referencial, ela é a condição de possibilidade para o manual se *deixar e se fazer ser visto junto* a outros entes intramundanos. E enquanto a região libera o "todo de lugares reciprocamente direcionados,"[23] ela é a condição de possibilidade para que o lugar do manual em uma totalidade referencial *se deixe e se faça ser visto* como uma remissão de lugares. Logo, a remissividade de lugares dá o espaço de cada manual em uma totalidade conjuntural. Porque a região abre a possibilidade de uma remissão ou pertinência de lugares, mediante a qual é determinada a espacialidade do manual; e porque a conjuntura abre a possibilidade de uma remissão de referências ou pertinência referencial, que determina a mundanidade do manual, podemos caracterizar a região e a conjuntura como um sistema de relações (*Beziehung*). Enquanto tal, a região constitui o ser do espaço do mundo circundante e a conjuntura constitui o ser do manual intramundano na lida cotidiana do *Dasein*. Isso significa que a região e a conjuntura estão intrinsecamente entrelaçadas nesta relação de remissividade, que determina a mundanidade e a espacialidade do mundo circundante. Ou seja, a pertinência de lugares já está pressuposta na pertinência referencial e vice-versa. Por esse motivo, a totalidade conjuntural não explica a totalidade espacial.[24] Antes, a relação de remissividade da conjuntura e da região nos permite apenas explicitar como a partir da estrutura da mundanidade podemos esclarecer o caráter espacial do mundo circundante.

Frente a tais considerações, podemos afirmar que, em *Ser e tempo*, o ser do espaço emerge da relação entre lugares e regiões. Nesta relação "'o espaço' é o legado tardio e dilatado da região. [... Dessa maneira,] o lugar não é meramente 'parte' ou 'porção' do espaço como insistiram Locke, Newton, Descartes e Gassendi. Ao contrário: o espaço é parte do lugar."[25] Quer dizer, o espaço é determinado pela remissão de lugares liberada pela região. Porque a conjuntura e a região se caracterizam pela relação recíproca de remissividade, a região descobre a pertinência de lugares como proximidade dos entes intramundanos mediante a pertinência referencial aberta pela conjuntura. "Esta orientação regional da multiplicidade de lugares do manual constitui o circundante"[26] do mundo que se encontra mais próximo

[23] Cf. HEIDEGGER, SZ, p. 102; ST, p. 156
[24] Cf. MALPAS, Jeff. *Heidegger and the Thinking of Place*. Cambridge, London, 2012, p. 117.
[25] CASEY, Edward S. *The Fate of Place*; p. 275.
[26] HEIDEGGER, SZ, p. 103; ST, p. 156.

do *Dasein*. Visto que "a proximidade é apenas um modo de distância, [...] o lugar de um manual é constituído pela direção e distância que opera dentro de uma região."[27] Logo, a espacialidade do manual intramundano é determinada pela orientação regional, que direciona e institui o lugar como espaço do manual no mundo circundante. "O espaço [...] pertence sempre ao próprio ente como o seu lugar. [...] O espaço está fragmentado em lugares."[28] Por isto, entendemos que o caráter de proximidade, exposto pela pertinência regional de lugares, constitui o ser do espaço no mundo circundante.

3. A relação entre as espacialidades do ente intramundano e do **Dasein**

No § 23 Heidegger nos esclarece que a espacialidade do *Dasein* se fundamenta no existencial do ser-em, que como vimos foi definido, no § 12, como um dos momentos estruturais e constitutivos do fenômeno unitário do ser-no-mundo. Para ele "a espacialidade do ser-em apresenta [...] os caracteres de *dis-tanciamento* e *direcionamento*."[29] É importante ressaltarmos que, em *Ser e tempo*, o direcionamento é visto como um modo de ser derivado do distanciamento. Nesse sentido, o direcionamento é uma modificação ou modalização do distanciamento. Qual é a diferença entre os caracteres de proximidade, distância e direção que constituem a espacialidade do ente intramundano, e os caracteres de distanciamento e direcionamento que constituem a espacialidade do *Dasein*? A diferença consiste em que "a distância é uma determinação categorial dos entes" [intramundanos]. Distanciamento, ao contrário, deve ser mantido como um existencial. [Nesta perspectiva,] O dis-tanciamento descobre a distância."[30] Enquanto existencial o distanciamento é uma estrutura de ser e, portanto, incomensurável. Já a distância, enquanto uma determinação fática dos entes intramundanos, é mensurável e mutável. Porque o *Dasein* é estruturado pelo existencial do distanciamento, ele tem a possibilidade de estabelecer distâncias à medida em que ele aumenta ou encurta os intervalos entre os entes intramundanos dentro de uma totalidade referencial e conjuntural. Isso significa que em sua ocupação com os entes intramundanos o *Dasein* produz distância como *intervalo*. Logo, distanciar e aproximar são modos de ocupação do *Dasein* em sua lida cotidiana com os entes intramundanos. Neste viés, julgamos que enquanto a ocupação é um existencial constitutivo do momento estrutural mundo, ela orienta, direciona e libera

[27] Cf. HEIDEGGER, SZ, p. 103; ST, p. 156.
[28] HEIDEGGER, SZ, p. 104; ST, p. 157.
[29] HEIDEGGER, SZ, p. 105; ST, p. 158.
[30] HEIDEGGER, SZ, p. 105; ST, p. 158.

o lugar como espaço do ente intramundano no mundo circundante. Mas, não é o existencial do distanciamento que libera a espacialidade do ente intramundano? Qual é a relação entre os existenciais da ocupação e do distanciamento para a descoberta do ser espacial do ente intramundano?

Podemos dizer que tal relação consiste em que tanto a ocupação quanto o distanciamento desencobrem a mundanidade do mundo circundante. O existencial da ocupação desvela a mundanidade pelo caráter de referencialidade, que emerge da circunvisão, enquanto esta é o modo como o *Dasein* compreende a significância ou a mundanidade do mundo circundante. E o existencial do distanciamento desvela a mundanidade pelo caráter de proximidade, que determina a espacialidade do mundo circundante. Mas, enquanto no *Dasein* "*reside uma tendência essencial de proximidade*"[31], o existencial do distanciamento desvela a constituição de ser espacial do *Dasein*. Sendo essencialmente referencialidade e distanciamento, o *Dasein* tem a possibilidade tanto de direcionar-se quanto de distanciar-se ou aproximar-se dos entes intramundanos, que vêm ao seu encontro na ocupação. Portanto, os caracteres de referencialidade, distanciamento e direcionamento são estruturas fundamentais de ser do *Dasein*. Estruturado por esses caracteres o *Dasein* tem a possibilidade tanto de descobrir a espacialidade do mundo circundante, na medida em que ele estabelece qual é referência e a distância do manual intramundano em relação a ele mesmo; quanto o *Dasein* tem a possibilidade de descobrir sua própria espacialidade, à medida que ele descobre qual é o seu lugar e espaço junto e em relação aos entes intramundanos. "Ser 'em' espaço significa estar conectado, e no caso do *Dasein*, [isso implica] ser capaz de conectar-se com aquilo que o circunda."[32] Devido a sua constituição de ser referencialidade, distanciamento e direcionamento, o *Dasein* descobre a sua espacialidade e a do mundo circundante ao desvelar, por exemplo, que algo está perto, longe, acima, embaixo, atrás, à direita, a esquerda, etc. Porque "a espacialização do *Dasein* em sua 'corporeidade' (*Leiblichkeit*), [...] acha-se marcada por essas direções"[33], se o *Dasein* estiver próximo da porta e distante da parede, ele dirá que o lugar da porta é aqui e o da parede é lá. Mas se ele se direcionar para a parede, esta situação se inverte, então, o lugar da parede e da porta em relação ao aqui e ao lá não é mais o mesmo. Posto que o *Dasein* "compreende o aqui a partir de um lá do mundo circundante, [e que] o aqui não indica o onde de algo simplesmente dado, mas o estar junto de um ser que produz distância,[34] podemos inferir que a espacialidade do ente intramundano está estreitamente relacionada à espacialidade do *Dasein* enquanto ser-em junto ao mundo circundante.

---

[31] HEIDEGGER, SZ, p. 105; ST, p. 159.
[32] MALPAS, *Heidegger and the Thinking of Place*, p. 118.
[33] HEIDEGGER, SZ, p. 108; ST, p. 163.
[34] HEIDEGGER, SZ, p. 107; ST, p. 161-162.

Com o intuito de melhor esclarecer o problema ontológico do espaço, no § 24, Heidegger introduz o existencial do arrumar [*Einräumen*] como o "dar-espaço" da região. O "*arrumar*, consiste na liberação do manual para a sua espacialidade. É este arrumar como doação preliminar que descobre uma totalidade possível de lugares determinados pela conjuntura e que possibilita a orientação fática de cada passo."[35] Porque o *Dasein* é estruturado pelos existenciais do ser-em, distanciamento e arrumar, ele se compreende como o ente que se encontra no mundo circundante referido e junto a outros entes que o circundam. Embora a discussão sobre o existencial do arrumar seja breve, precisamos reconhecer a sua importância. Haja visto que esse existencial possibilita ao *Dasein* organizar, ordenar, arranjar e descobrir uma pertinência espacial, que determina tanto a sua espacialidade quanto a espacialidade dos entes intramundanos. Arrumar e distanciamento são os existenciais que, nominalmente, estruturam a espacialidade do *Dasein* e determinam o espaço com um modo fático de concretização da mundanidade do mundo.

Conclusão: Aprioridade da espacialidade e o caráter de ser do espaço

Os §§ 22 e 23, os quais tratam da espacialidade do manual intramundano e da espacialidade do ser-no-mundo, têm a tarefa de expor os conceitos básicos necessários para que, no § 24, Heidegger possa "elaborar o fenômeno da espacialidade do mundo e colocar o problema ontológico do espaço,"[36] a partir do caráter prévio da região. Qual é a relação entre a questão do ser do espaço e o caráter prévio e *a priori* da região?

Na fenomenologia hermenêutica o *a priori* é considerado como "o que se mostra enquanto ser e estrutura de ser."[37] Neste viés, fenomenologicamente, ser é concebido como o sentido mais rigoroso de *a priori* e o caráter de ser dos entes é entendido como o sentido mais originário de *a priori*.[38] Em *Ser e tempo*, a tarefa da fenomenologia hermenêutica consiste em liberar o *a priori* que torna visível o caráter de ser que determina *quem* é o *Dasein* enquanto ser-no-mundo, a saber, os existenciais; e o caráter de ser que determina o *quê* é o simplesmente dado enquanto ente intramundano, qual seja, as categorias[39], entendidas não como elemento de linguagem ou forma pura

[35] HEIDEGGER, SZ, p. 111; ST, p. 166.
[36] HEIDEGGER, SZ, p. 110; ST, p. 164.
[37] HEIDEGGER, SZ, p. 63; ST, p. 110.
[38] HEIDEGGER, *Prolegomena zur Geschichte des Zeitbegriffs*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1979, p. 101-102.
[39] Cf. HEIDEGGER, SZ, p. 45; ST, p. 88-89.

a priori do entendimento, mas como uma "determinação *a priori* que deixa e faz todos verem o ente em seu ser."[40] Mais concisamente, a fenomenologia hermenêutica tem como meta descrever as estruturas prévias do *a priori* que determinam o *modo de ser* do *Dasein* e do ente intramundano. Ou seja, ela tem por objetivo descrever os existenciais, que constituem a existencialidade do *Dasein*, e as categorias que instituem a mundanidade do mundo. Em que medida o sentido de *a priori,* presente na fenomenologia hermenêutica, contribui para superarmos o dilema terminológico acerca da determinação ontológica da espacialidade e do espaço?

Vejamos. A partir de uma breve discussão com Kant, no § 24, Heidegger sugere que o espaço somente pode ser pensado como um *a priori* na medida em que a região, antecipadamente, libera uma pertinência de lugares, que dá o espaço de cada manual no mundo circundante. Nesse sentido, ele afirma que "aprioridade significa aqui precedência do encontro com o espaço (como região) em cada encontro do que está à mão no mundo circundante."[41] Isso quer dizer que o espaço do manual no mundo circundante é dado, antecipadamente, pelo caráter prévio e *a priori* da região. Assim, a região institui o caráter de precedência do espaço na ocupação do *Dasein* com os entes intramundanos. Porque a precedência do espaço diz respeito ao caráter de antecipação da região, "o espaço se apresenta como um *a priori*."[42] Contudo, se levarmos em conta que a espacialidade só pode ser descoberta a partir do mundo, então, podemos considerar que a *aprioridade* do espaço está estreitamente correlacionada com a *aprioridade* do mundo. Visto que mundo é um momento estrutural constitutivo do ser-no-mundo, consequentemente, a *aprioridade* do espaço está estreitamente correlacionada com a *aprioridade* do ser-no-mundo. Essas correlações nos permitem a inferir que o princípio *a priori* que fundamenta a mundanidade e a espacialidade do mundo circundante é o ser-no-mundo, enquanto "uma constituição necessária e *a priori* do *Dasein*."[43] Como a questão da *aprioridade* do ser--no-mundo, da mundanidade e do espaço nos auxilia a superar o dilema da determinação ontológica da espacialidade e do espaço?

Partindo do pressuposto que caráter de ser é uma estrutura *a priori* e que, em *Ser e tempo*, as únicas possibilidades de caráter de ser são os existenciais e as categorias, então, não resta dúvidas que o espaço, enquanto uma estrutura *a priori* é um existencial ou uma categoria. Na medida em que o espaço se mostra como um constitutivo do mundo, enquanto momento estrutural do ser-no-mundo, entendemos que ele é um existencial. Mas, enquanto o espaço é a determinação ontológica, que indica o lugar do

[40] Cf. HEIDEGGER, SZ, p. 44; ST, p. 88.
[41] HEIDEGGER, SZ, p. 112; ST, p. 166.
[42] HEIDEGGER, SZ, p. 111; ST, p. 166.
[43] HEIDEGGER, SZ, p. 53; ST, p. 99.

manual intramundano na ocupação, pensamos que ele é uma categoria. Enquanto o espaço é entendido como um caráter de ser, podemos dizer que ele é uma estrutura prévia do *a priori* e, portanto, transcendental. Nesta perspectiva, o espaço é uma estrutura fundamental e *a priori* que constitui o ser do *Dasein*. Porque na fenomenologia hermenêutica o caráter de ser concerne ao sentido mais originário de *a priori*, e posto que o *a priori* é uma expressão para designar o que se mostra como ser, julgamos que se o espaço é um caráter de ser, então, a espacialidade é o *a priori* que mostra o caráter de ser espacial do *Dasein* e o caráter de ser espacializado do ente simplesmente dado. O que significa dizer que a espacialidade é um *a priori*?

Ao passo que a espacialidade é constituída pelos existenciais do distanciamento e do arrumar o *Dasein* tem a possibilidade de dar espaço, por isto, ele é espacial. Estruturado pelo existencial do arrumar o *Dasein* descobre a totalidade de lugares dos entes intramundanos. Estruturado pelo existencial do distanciamento ele descobre a distância do manual intramundano em relação a ele mesmo, como também ele descobre tanto o seu lugar junto aos entes intramundanos, quanto o modo como ele se direciona aos entes intramundanos. Ou seja, vista sob o viés do sentido mais rigoroso de *a priori* (ser) a espacialidade, antecipadamente, mostra o caráter de ser espacial do *Dasein*, mediante o qual, por um lado, ele desencobre o espaço como a pertinência de lugares, que localiza e instala o lugar de cada manual intramundano no mundo circundante. Por outro lado, ele desencobre o espaço como o lugar a partir do qual ele se compreende como estando próximo ou distante de um ente intramundano. À medida que a espacialidade do ser-em é constituída pelos existenciais do arrumar e do distanciamento, a espacialidade desvela que o direcionamento é um modo de ser espacial do *Dasein*, mediante o qual ele descobre a sua própria espacialidade no mundo circundante. Desta feita, a espacialidade do *Dasein* e a espacialidade do manual se modalizam em suas possíveis concretizações espaciais. Isso significa que a concretização do espaço do *Dasein* e a concretização do espaço do mundo são um caráter de ser (existencial e categoria) do *a priori* da espacialidade. Concluindo, a espacialidade é um *a priori* constitutivo da existencialidade do *Dasein* e da mundanidade do mundo. Devido a essa constituição de ser, podemos dizer que "a espacialidade pertence ao ser-no-mundo."[44] Enquanto tal a espacialidade institui o espaço como uma expressão de ser. Neste sentido, "o espaço pertence propriamente ao mundo"[45], isto é, às concretizações modais de ser espacial, seja estas relativas ao *Dasein* ou ao ente simplesmente dado. Ao considerarmos a espacialidade como um *a priori* e o espaço como um caráter de ser que determina tanto o lugar do *Dasein* quanto do simplesmente dado no mun-

[44] Cf. CASEY, *The Fate of Place*; p. 255.
[45] Cf. CASEY, *The Fate of Place*; p. 255.

do circundante, julgamos ter evidenciado que a espacialidade apresenta uma distinção ontológica referente ao caráter de ser espacial dos entes em vez de uma dubiedade conceitual ou uma aporia. Pois, sendo um *a priori* a espacialidade mostra o ser do espaço como um caráter existencial e como um caráter categorial. Isso significa que a espacialidade é um *a prio*ri que estrutura o ser do *Dasein*, e o espaço é uma modalização de ser da espacialidade do *Dasein* e da espacialidade do ente simplesmente dado. Dessa maneira, podemos correlacionar a espacialidade ao primado ontológico e o espaço ao primado ôntico.

Referências

CASEY, Edward S. *The Fate of Place*: a Philosophical History. Berkeley: University of California Press, 1998.

CHRÉTIEN, Jean-Luc. De l'espace au lieu dans la pensée de Heidegger. *In*: CARON, Maxence. *Heidegger*. Paris: Cerf, 2006. p. 495-525.

CIOCAN, Cristian. Qu'est-ce qu'un Existenzial? *Heidegger Studies*, *Heidegger Studien, Etudes Heideggerienes.* Berlin: Duncker & Humblot, vol. 25, p. 191-216, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer, 1986.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Marcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Prolegomena zur Geschichte des Zeitbegriffs*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1979.

MALPAS, Jeff. *Heidegger and the Thinking of Place*. Cambridge, London, 2012.

VALLEGA, Alejandro A. *Heidegger and the Issue of Space*: Thinking on Exilic Grounds. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2003.

Acylene M. C. Ferreira
Estrada de São Lázaro, 197
Federação
40210-730 Salvador – BA
acylene@ufba.br